

# Formação e educação de individualidades humanas livres: uma resenha do livro “A pedagogia waldorf e a antroposofia”

Camila Bourguignon de Lima<sup>1</sup> 

Em 2020 a editora antroposófica traz para o Brasil a obra “A pedagogia Waldorf e a Antroposofia”, do original “*Waldorfpädagogik und Anthroposophie*” (2018). Peter Selg, autor do livro, argumenta que a intenção é complementar a obra biográfica de Rudolf Steiner ao explorar o envolvimento do educador na criação da primeira Escola Waldorf, como também detalhar a ciência antroposófica que para ele é, frequentemente, vista de forma controversa e discutida até hoje sem conhecimento suficiente dos fundamentos. O texto contextualiza questões de formação e educação no Movimento da Trimembração Social do ser humano (o pensar, o sentir e a vontade) e referencia postulados de Rudolf Steiner do período de 1919 a 1924. O assunto desenvolve-se conforme a seguinte divisão de capítulos: 1) A moderna ciência espiritual e a pedagogia; 2) A preparação e a inauguração da Escola Waldorf; 3) A importância da antroposofia para a Escola; 4) A comunidade escolar; 5) O trabalho com o corpo docente; 6) A “Associação Mundial de Escolas” e a disseminação da pedagogia Waldorf.

Os aspectos da liberdade humana – de ordem filosófica, psicológica, educacional e espiritual – faziam parte dos estudos de Rudolf Steiner desde muito antes da inauguração da Escola Waldorf em 1919. Aos 23 anos (1884) em Viena, Rudolf Steiner observava o sistema educacional da época sendo orientado para normas sociais e não por forças efetivas da criança em seus diversos níveis de amadurecimento. Para ele, o currículo deveria seguir o sentido da interiorização da alma para expressão da verdadeira existência, dimensão necessária para a “vida espiritual livre” (SELG, 2020, p. 10). Escrevia Steiner à época as capacidades que precisavam ser predispostas na infância e na juventude para poderem ajudar a modelar a sociedade de forma positiva:

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, SP, Brasil.

educação e autoeducação (edificar-se a si mesmas com base em suas próprias forças). Então, o conhecimento a fundo da entidade humana precisaria ser frutificado no âmbito pedagógico e formaria as bases antropológicas de uma nova pedagogia.

O livro inicia-se exatamente no contexto da Primeira Guerra Mundial, quando a formação das forças anímico-espirituais do ser humano viviam um tempo marcadamente materialista-tecnológico e abalado por crises geradas pelo avanço da mecanização da vida. A educação estava sendo desenvolvida unilateralmente de maneira cognitivo-intelectual. Já no capítulo dois, no contexto pós-guerra, Rudolf Steiner e Emil Molt planejavam uma escola de formação para os filhos dos operários da Cigarro Waldorf-Astoria em Stuttgart, Alemanha. O autor traz detalhes da preparação e inauguração da “Escola Waldorf Livre”, fundada segundo o modelo de autoadministração cooperativa. O objetivo da ação vinha da necessidade de fundar escolas autônomas, independentes de influências estatais que eram guiadas por interesses padronizados e estereotipados de ensino. Na ocasião, o ministro da cultura Heymann e seu conselheiro Reinöhl autorizaram a fundação da escola baseando-se na lei de escolas particulares e, em maio do mesmo ano, os professores, jovens com formação acadêmica e simpatizantes da antroposofia, foram convocados. Nas reuniões pedagógicas (cursos com exercícios em forma de seminário) antecedentes à inauguração, “pelas manhãs Steiner falava sobre os fundamentos de uma educação a partir do conhecimento do ser humano e às tardes desenvolvia para eles uma metodologia e didática de ensino totalmente novas” (p. 40). Porém, nunca deixou de mencionar que a escola enfrentaria críticas, tendo em vista que os grupos de interesse eram contra a trimembração social e a antroposofia, e o contexto político da Alemanha era pouco favorável a um sistema escolar livre. Apesar dos esforços de Steiner e Molt em divulgar a escola pretendida – “a Escola Waldorf não será uma escola ideológica” (p. 47) –, houve algumas desistências, ainda assim, na cerimônia de abertura de 7 de setembro de 1919, foi inaugurada com 256 alunos a primeira Escola Waldorf. Rudolf Steiner tinha plena consciência de que o sucesso da fundação dependia essencialmente do desenvolvimento do corpo docente, portanto, continuou dando cursos e aprofundando o trabalho pedagógico da Escola.

No terceiro capítulo, Peter Selg discorre sobre a importância da antroposofia no programa pedagógico da Escola Waldorf. Desde a virada do século XIX para o XX, os escritos “goetheanísticos” e teosóficos de Steiner traziam “modelos” e “teorias” para uma melhor formação do ser humano, que pressupunha dedicação plena (estado de atenção desperta ou estar intencionalmente junto ao outro) e amor

altruísta. A Escola Waldorf contribuiria para promover nos estudantes confiança e coragem em si mesmos; a individualidade seria respeitada, porque o conhecimento ou o reconhecimento de si mesmos estaria em sintonia com a realidade. Por isso, aconselhava o corpo docente que o trabalho bem-sucedido viria do encontro, da “presença de espírito”, do entusiasmo e do conhecimento antropológico prático. No que lhe concerne, Steiner afirmava que o altruísmo não era pré-condição para o exercício da profissão docente, mas poderia ser aprendido na tarefa pedagógico-didática da vivificação do conteúdo, isto é, pela experiência fenomenológica do mundo vivo, da verdadeira percepção da existência anímico-espiritual do sentir, do pensar e do querer. Na ciência, na arte, na história ou nos idiomas, o corpo docente colocaria em prática conceitos dinâmicos em vez de representações abstratas, de um “intelectualismo morto” (SELG, 2020, p. 74).

Ao longo do quarto e quinto capítulo, o autor descreve os compromissos de Rudolf Steiner no cotidiano da Escola Waldorf em Stuttgart. Seu principal interesse era preparar os professores para o “diálogo vivo”, mas, por vezes, precisava mediar crises tendo que expor o histórico familiar e social das crianças para os professores ou então tinha que intervir diante das “reclamações do corpo docente sobre a falta de pontualidade, os frequentes atrasos dos alunos de manhã” (p. 101). Gostava de visitar a Escola e dar importância aos diferentes membros do corpo docente para que aprendessem a se interessar uns pelos outros. Steiner entendia que, quando os professores agiam sozinhos, palestravam ou lecionavam demais, deixando de estabelecer contato com as crianças, fugindo da vida em suas épocas ou da civilização em que estavam inseridos. Os boletins escolares eram a aplicação de uma verdadeira psicologia escolar, neles não constavam uma nota numérica, mas a descrição da essência do aluno, baseando-se no conhecimento individual que ele adquiriu nas aulas. De modo geral, o trabalho do primeiro ano da Escola Waldorf era satisfatório e alcançava ressonância por receber novas matrículas das mais diversas camadas da população.

No sexto e último capítulo, Selg relata a ideia de Steiner sobre uma “Associação Mundial de Escolas” pensando em levar o ensino Waldorf para todo o globo. Todavia, diante de tendências totalitárias na Alemanha e em outros países europeus, Rudolf Steiner sabia que, do ponto de vista político e econômico, a fundação de escolas livres estava cada vez mais ameaçada. Por outro lado, Inglaterra, países da Escandinávia, Holanda e Suíça se interessavam pela metodologia Waldorf, convidando Steiner e o corpo docente de Stuttgart para proferir palestras, cursos pedagógicos e para

dar “aulas modelos”. Finalmente, novas Escolas Waldorf foram fundadas em Colônia, Hamburgo e Haia entre 1921 e 1923.

Rudolf Steiner confiava que as pessoas com impulsos pedagógicos provenientes da antroposofia se tornariam ativas no futuro e responsáveis por uma pedagogia diferente, aquela que propagasse o respeito pela individualidade, incorporando tal preceito ao interesse geral da educação. Dito isso, a situação contemporânea mundial mostra como são eminentemente atuais estas escolas e seu impulso de liberdade. Manter as Escolas Waldorf e fazer com qualidade aquilo que se pretendia em 1919, sem dúvida, é um desafio, principalmente pela atual unilateralidade meritocrática da civilização e pela especialização forçada do mundo profissional.

## Referência

SELG, P. *A pedagogia waldorf e a antroposofia*. São Paulo: Antroposófica, 2020.

**Submetido em:** 08/02/2022

**Aceito em:** 31/07/2022

---

## Sobre a autora

### **Camila Bourguignon de Lima**

Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduada em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), com formação complementar pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, Portugal.

E-mail: cabourglima@gmail.com